

TODOS ÀS RUAS CONTRA O GOLPISMO DE BOLSONARO

COM INDEPENDÊNCIA POLÍTICA DOS TRABALHADORES E AUTODEFESA

Porque não assinamos o manifesto pela democracia pgs. 8 e 9



CONVENÇÃO NACIONAL

**APROVA CHAPA VERA
E RAQUEL TREMEMBÉ
À PRESIDÊNCIA DA
REPÚBLICA.**

Página 16



BARRIGA VAZIA E LUCROS GORDOS

**FOME AUMENTA
ENQUANTO CAPITALISTAS
GANHAM MUITO
DINHEIRO.**

Página 7



CHARGE

AGOSTO, MÊS DO PRESIDENTE LOUCO...



“Estamos votando uma lei eleitoral que não muda nada. Não querem informatizar as apurações. Sabe o que vai acontecer? Os militares terão 30 mil votos, e só serão computados 3.000”



BOLSONARO, em 1993, ao discursar no Clube Militar, no Rio de Janeiro

PRÓXIMO LANÇAMENTO

TOMO I.

EDITORA **sundermann**

www.editorasundermann.com.br

FORÇANDO A BARRA

Boicote da mídia à chapa Vera e Raquel Tremembé

A imprensa tem feito um malabarismo absurdo para invisibilizar a chapa de Vera e Raquel Tremembé. No dia 2, a jornalista Malu Gaspar, do jornal O Globo publicou uma notícia cujo título era: “Simone Tebet e Eliziane Gama podem formar a primeira chapa feminina do Brasil”. Trata-se de uma clara iniciativa de sabotagem e boicote a chapa Vera-Raquel Tremembé, essa sim a primeira chama feminina, negra e indígena na história das eleições brasileiras. Aliás, é impressionante a desfaçatez da grande im-



Malu Gaspar

Simone Tebet e Eliziane Gama podem formar primeira chapa feminina do Brasil

Inédita entre partidos grandes, dupla de mulheres na disputa presidencial pode se concretizar após Tasso Jereissati (PSDB) sinalizar desistência

prensa em tentar desesperadamente promover Tebet (MDB) como a candidata da chamada terceira via. Embora apareça nas pesquisas com 2% das in-

tenções de voto (configurando um empate técnico com Vera que tem pontuado 1%), a grande imprensa não fala de outra coisa senão de Tebet, que é chamada constantemente para entrevistas, debates etc., enquanto boicota as demais pré-candidaturas, inclusive a do PSTU. Apesar de tudo isso, a candidata do MDB teve até agora um pífio crescimento. Mas todo o episódio ilustra muito bem como funciona a democracia dos ricos com eleições controladas pela grande mídia e pelo grande capital.

VAI SE 'CATAR'

Deputados aprovam GT para fazer turismo na Copa

“Preocupados” com o desempenho do Brasil na Copa do Mundo, deputados aprovaram a criação de um grupo de trabalho para acompanhar a preparação da seleção. Segundo o pedido aprovado para a formação do grupo, a “imagem” da equipe “está em baixa”. Por isso, parlamentares decidiram monitorar os trabalhos dos jogadores para o torneio que será disputado no Catar, entre 21 de novembro e 18 de dezembro. O requerimento foi aprovado em sessão esvaziada da



Bolsonaro reúne diplomatas estrangeiros para fazer campanha contra urna eletrônica

Comissão de Esporte, ou seja, na surdina para viabilizar, na verdade, o turismo dos deputados pago

com dinheiro público enquanto 30 milhões de brasileiros com fome.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Contra o golpismo de Bolsonaro: unidade de ação, mas com independência de classe

Todos aos atos contra a violência política e as ameaças golpistas de Bolsonaro

Vivemos uma crise sem precedentes, com um profundo retrocesso no país e, sobretudo, nas condições de vida da classe trabalhadora. A inflação e a carestia tornam a fome um fantasma real na vida de milhões de famílias brasileiras. Para piorar, Bolsonaro faz ameaças diárias de golpe e insufla sua militância de extrema direita a atacar qualquer um que veja como adversário.

Tivemos neste semestre importantes lutas de setores de peso da classe trabalhadora por emprego, contra a carestia e a perda da renda. Da mesma forma, a classe trabalhadora, juntamente com os setores mais pobres e explorados da população, deve estar à frente contra as ameaças golpistas de Bolsonaro. Os trabalhadores devem exigir que todos os que estão contra um golpe e uma ditadura se mobilizem, mas também fazê-lo organizados e com independência política. Por quê?

Os trabalhadores são os que realmente têm a perder com um golpe e uma ditadura que acabe com as poucas liberdades democráticas que temos hoje. Numa ditadura, não se pode nem protestar, organizar ou fazer greve. É esse o projeto de Bolsonaro. Arrancar ainda mais o couro dos trabalhadores e impedir que se possa até reclamar.

Estamos à beira de um golpe de Estado e uma ditadura? Não. Embora seja isso que Bolsonaro queira, o imperialismo e a maior parte da burguesia não compartilham desse projeto, por hora. E é por isso que Bolsonaro implementa uma série de medidas eleitoreiras, como os R\$ 200,00 do Auxílio Brasil até o final do ano.

Sua prioridade é ganhar as eleições. Agora está dado que ele vai aceitar passivamente o resultado das urnas no caso cada vez mais provável que perca? Também não.

Bolsonaro vem ameaçando diariamente não acatar uma derrota. Tem parte do comando das Forças Armadas ao seu lado, e vem armando sua militância radical. Pode tentar um autogolpe, ainda que seja muito improvável que uma aventura assim se consolide. Ou pode muito bem tentar repetir Trump aqui e armar uma tremenda confusão para garantir uma certa coesão aos seus grupos mais fanáticos, a fim de continuar infernizando nossa vida lá na frente. Em ambos os casos, um estrago seria feito, e fechar os olhos diante desse perigo seria uma enorme irresponsabilidade.

**SÓ OS TRABALHADORES
PODEM LUTAR DE FORMA
CONSEQUENTE CONTRA
UM GOLPE**

Não é só pelo fato de que os trabalhadores têm mais a perder com os ataques às liberdades democráticas que devem estar à frente dessa luta. Estamos vendo como as instituições dessa democracia dos ricos, como o Supremo Tribunal Federal, ou o Congresso Nacional, capitulam sucessivamente, de forma covarde, às ameaças de Bolsonaro. No caso mesmo de um golpe, alguém acredita que eles farão alguma coisa?

Já os setores da burguesia que articularam manifestos pela democracia, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) ou os banqueiros da Febraban, ou o próprio imperialismo, estão hoje contra um golpe, mas nada garante que lutarão de forma



consequente contra um. Pelo contrário, quando é de seu interesse, não hesitam em impor a ditadura mais ferrenha. Vimos isso em 1964. E o aprofundamento da crise, e das lutas que eventualmente podem explodir, têm a possibilidade de colocar esse plano B no radar.

**COM INDEPENDÊNCIA
DE CLASSE**

As ameaças de Bolsonaro forçaram o PT a retomar a articulação da campanha "Fora Bolsonaro", a mesma que freou para capitalizar eleitoralmente. Mas faz isso também sob uma perspectiva eleitoreira, tentando ampliar seu arco de alianças com a burguesia. Por isso, subscreve o manifesto pela democracia, que se coloca contra o golpe, mas defende essa democracia dos ricos e essa política econômica que nos impõe a inflação, a carestia e 33 milhões de famintos no país.

As maiores centrais sindicais fazem o mesmo, colocando-se a reboque de um projeto de unidade nacional com a burguesia, os banqueiros e o imperialismo. Dizem ser

contra um golpe, mas como solução chamam a votar em Lula-Alckmin.

A classe trabalhadora precisa chamar a mais ampla unidade na ação para ir às ruas, nas manifestações dos dias 11 de agosto e 10 de setembro, com todos os que estejam contra um golpe. Mas com cara própria e independência política, não referendando as cartas que defendem essa democracia dos ricos e esse sistema de exploração contra nós. Devemos debater nas assembleias e incorporar nas campanhas salariais a defesa das liberdades democráticas, o combate às ameaças golpistas, o chamado aos atos e avançar na construção da autodefesa das organizações populares e dos trabalhadores, assim como a organização de uma greve geral caso Bolsonaro não acate o resultado das eleições e tente um golpe.

Nesse sentido, a classe não pode ficar a reboque de projetos da burguesia ou de alianças de classes. Um projeto desses não só não é capaz de derrotar Bolsonaro, como não vai mudar em nada as condições

que possibilitaram o surgimento do bolsonarismo. Mais do que isso, caso não haja mesmo um golpe e Bolsonaro perca as eleições, essa ultradireita veio para ficar, e permanecerá à espreita, só esperando o momento certo de atacar.

É por isso que classe trabalhadora precisa vincular sua organização e luta a um projeto estratégico de independência de classe e socialista. Só assim será possível derrotar para valer Bolsonaro e o golpismo, varrendo essa ultradireita para a lata do lixo da história. Votar em Lula-Alckmin é referendar uma saída eleitoral e de unidade com a burguesia, o agro e o imperialismo. É o caminho para a derrota. A candidatura do Polo Socialista e Revolucionário e do PSTU, com Vera e Raquel Tremembé à Presidência, é, ao contrário, um ponto de apoio para fortalecer e impulsionar esse projeto de independência de classe com uma estratégia socialista, que é a única forma de acabar com o bolsonarismo e o fantasma do golpismo.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3OWNQ1P](https://bit.ly/3OWNQ1P)**

CONVENÇÕES ESTADUAIS

Convenções oficializam 17 candidaturas a governos estaduais pelo PSTU e Polo Socialista e Revolucionário

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

As Convenções Estaduais do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário aprovaram 17 candidaturas a governos estaduais em todo o país: Amapá e Pará, no

Norte; Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, no Nordeste; Distrito Federal, no Centro-Oeste; em todos os quatro estados do Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais); e em toda a região

Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Em Alagoas, haverá candidatos apenas aos cargos proporcionais (deputados estaduais e federais).

Em um clima de alegria e com muita empolgação, as Convenções Estaduais contaram com a presen-

ça da militância do PSTU, das correntes políticas e ativistas que estão construindo o Polo Socialista e Revolucionário. Reafirmou-se o desafio de apresentar um programa socialista e revolucionário nas eleições, partindo das necessidades mais senti-

das da classe trabalhadora e do povo pobre de nosso país, fazendo a ponte com a necessidade da destruição do capitalismo e da construção de uma sociedade socialista.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3D3XDFB](https://bit.ly/3D3XDFB)

SÃO PAULO

A Convenção reuniu cerca de 300 pessoas e oficializou a candidatura da operária negra Vera à Presidência da República, cuja vice é a indígena Kunã Yporã (Raquel Tremembé), do metroviário Altino a governador e de sua vice, Professora Flavia, bem como de uma chapa coletiva socialista ao Senado, composta pelo metalúrgico Mancha, pela advogada trabalhista Dra. Eliana Ferreira e pela jornalista palestino-brasileira Soraya Misleh. Também foram apresentados os candidatos a deputados estaduais e federais do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário por São Paulo.

“A Convenção foi um ato político, uma grande demonstração da animação de nossa militância. Foi um ato bastante plural, com participação na plenária e falas dos candidatos a deputados da capital e do interior, trabalhadores da cidade e do campo. No dia 16 começa a campanha, e nós vamos para a rua. Com toda vontade, como quando a gente faz greve. Com a mesma dedicação com que fortalecemos as ocupações. Dia 16, o 16 vai estar na boca do povo”, disse Altino.



Altino, pré-candidato ao governo de SP fala durante a convenção.

MINAS GERAIS



Vanessa Portugal, candidata ao governo de MG ao lado de Jordano Metalúrgico, candidato a vice governador.

A professora Vanessa Portugal será a candidata a governadora e terá o operário Jordano Metalúrgico como vice. A Convenção aprovou a chapa coletiva ao Senado, formada pela professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Dirlene Marques, a professora Victória Mello e o advogado trabalhista Adriano Espíndola. “Temos a tarefa de defender um programa constru-

ído com base nas demandas e necessidades de nossa classe, a classe trabalhadora, sem unidade com aqueles que nos matam. Um programa revolucionário e socialista, forjado na luta de nosso povo pobre e trabalhador contra sua exploração, contra as diversas violências que atingem as mulheres trabalhadoras, os negros e negras, os povos originários e LGBTIs”, frisou Vanessa.

RIO DE JANEIRO



Cyro Garcia, pré-candidato ao governo do RJ durante convenção eleitoral.

Com a presença de Vera, pré-candidata à Presidência da República, a Convenção foi realizada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Maracanã. Foi oficializada a candidatura de Cyro Garcia (governador) e Samantha Guedes (vice). Bárbara Sinedino, militante da CST, será a candidata ao Senado. “Foi uma Convenção vitoriosa. Contou com a

presença de mais de 100 pessoas e foi seguida de uma atividade política que discutiu a necessidade de derrotar Bolsonaro e Cláudio Castro e a política de conciliação de classes de Lula/Alckmin e Freixo/César Maia, que não enfrentarão os super-ricos e, portanto, não resolverão os problemas da população trabalhadora”, disse Cyro.

RIO GRANDE DO SUL

Em uma Convenção emocionante, que contou com a participação de mais de 100 pessoas, foi oficializada uma chapa de mulheres negras, trabalhadoras e socialistas na disputa ao governo gaúcho: Rejane de Oliveira (governadora) e Vera Rosane (vice). Fabiana Sanguiné será a candidata ao Senado. Nikaya Vidor e Professor Gilli disputarão uma vaga à Câmara Federal. Ana Rita, Ivan e Marilei são candidatos a deputado e deputada estadual. “Neste momento da conjuntura, de polarização entre a ultradireita de Bolsonaro e a conciliação de classes de Lula

e Alckmin, alternativas que não são idênticas, mas as duas baseadas na cartilha do capitalismo, temos o direito de apresentar nosso programa socialista e revolucionário, que tenha o olhar para as necessidades concretas da classe trabalhadora, das mulheres, dos negros e negras, LGBTIs e dos povos originários, que sofrem com a miséria, com o desemprego e com a falta de condições de vida. É preciso apontar o caminho para a transformação da sociedade, pelo socialismo”, disse Rejane.



Rejane de Oliveira, candidata a governadora do RS.

PARÁ

Cleber Rabelo (ao centro), candidato ao governo do PA.

Com a presença da indígena Kunã Yporã (Raquel Tremembé), a convenção oficializou a candidatura do operário Cleber Rabelo a governador do Pará e o nome da professora Benedita Amaral como vice-governadora. O professor João Santiago, militante da CST (PSOL), corrente que constrói o Polo Socialista e Revolucionário juntamente com o PSTU no Pará, foi confirmado para a vaga ao Senado. Também foram confirmados os nomes de Seu Alex, operário trans, para o cargo de deputado estadual e da jornalista Wellingtona Macêdo, a Well, para o cargo de deputada federal.

“Temos o dever de apresentar uma alternativa revolucionária para a classe trabalhadora paraense, especialmente a classe operária, e que discuta, entre outras coisas, a defesa da Amazônia e do meio ambiente, contra a oficialização da grilagem de terras feita pelo governador Helder Barbalho, do MDB. Assim como vamos defender um plano de obras públicas para gerar emprego à população”, destacou Cleber.

MARANHÃO

O auditório do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, no Centro Histórico de São Luís, ficou lotado na Convenção Estadual que aprovou o nome do professor Hertz Dias a governador. O vice será Jayro Mesquita. O servidor público federal Saulo Arcangeli será candidato ao Senado. Os candidatos a deputados federais serão Preta Lu, Silmara, Bennão Viana, Tourin e Sargento Guimarães. Ao cargo de deputado federal os candidatos são Nicinha Durans, Luzivanda, Antônio Dinho, Daniel Pavão, Domingos Filho e o Professor Walter Maia.

“Desemprego não é natural. Racismo não é natural. Machismo não é natural. LGBTfobia não é natural. Isso parte do sistema capitalista, em que a maioria produz a riqueza, que somos nós os trabalhadores, e uma outra classe se apropria do que produzimos. Esse sistema tem que ser destruído”, falou Hertz em seu discurso.



Hertz Dias, candidato ao governo do MA fala na convenção.

SERGIPE

Elinos Sabino, candidato ao governo de SE fala durante a convenção.

A Convenção oficializou as candidaturas do servidor público Elinos Sabino a governador e da operadora de telemarketing Leidi Lima como vice-governadora. O trabalhador dos Correios Heraldo Goes será o candidato ao Senado. A atividade foi realizada na sede do Sindicato dos Petroleiros e contou com a presença de trabalhadores e trabalhadoras de diversas categorias.

“Metade da população sergipana hoje está passando fome. Temos 170 mil pessoas desempregadas no estado e os trabalhadores empregados sofrem com a precarização e o arrocho salarial. Essa situação é inaceitável”, pontuou Elinos em seu discurso.

DISTRITO FEDERAL

O candidato a governador será o professor Robson, que terá como vice Eduardo Zanata. A servidora pública federal Elcimara será candidata a senadora. A Convenção também ratificou os nomes de Tânia e Everton para deputada e deputado federais e Francisco Targino para deputado distrital. Robson ressaltou que sua “candidatura será uma alternativa socialista e revolucionária, independente dos grandes empresários, que os trabalhadores do Distrito Federal terão contra o projeto reacionário de Ibaneis/Arruda e também do projeto de conciliação de classes do PT, PCdoB e PSOL”.



Convenção no DF aprova candidaturas de Prof. Robson e Zanata para governador e vice.

CEARÁ

No CE a convenção aprovou a pré-candidatura do operário da construção civil Zé Batista que terá o servidor público e ambientalista Reginaldo como vice-governador.

Foi homologado o nome do operário da construção civil Zé Batista a governador. O servidor público e ambientalista Reginaldo será o candidato a vice-governador. O servidor público Carlos Silva concorrerá a uma vaga ao Senado. O rodoviário Edweyne e o operário Magela serão candidatos ao Legislativo Federal e Estadual, respectivamente. “Vamos apresentar um programa socialista e revolucionário, que denuncia as desigualdades do capitalismo e que enfrenta os privilégios dos ricos, contra Bolsonaro, a extrema direita e todos os governos que nos oprimem e exploram”, afirmou Zé Batista.

ESPÍRITO SANTO

Com um programa de governo que passa pela garantia da não privatização de empresas públicas como o Banco do Estado do Espírito Santo (Banestes) e a Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan) e a reestatização da Companhia de Gás do Espírito Santo (ES Gás), entre outras ações que visam ampliar a arrecadação do estado e possibilitar mais recursos para investimentos em educação e saúde, a Convenção confirmou o nome do capitão da Polícia Militar, Vinícius Sousa, a governador. Ele integra a corrente política Revolução Brasileira e o Movimento de Policiais Antifascismo. A jornalista Soraia Chiabai será a candidata a vice-governadora. O funcionário público federal Filipe Skiter vai concorrer ao Senado.

RIO GRANDE DO NORTE



No RN, a convenção aprovou o nome da assistente social Rosália Fernandes para governadora e terá professora Socorro Ribeiro como vice.

A chapa majoritária para o governo será composta pela assistente social Rosália Fernandes, ao cargo de governadora, e pela professora Socorro Ribeiro como vice. A Convenção oficializou ainda as candidaturas do professor Dário Barbosa ao Senado e das professoras Ana Célia e Luciana Lima aos Legislativos Federal e Estadual, respectivamente. Rosália criticou a aliança de Fátima Bezerra (PT) com Walter Alves (MDB) e Carlos Eduardo (PDT), que fazem parte das oligarquias que sempre governaram o estado e atacaram o povo potiguar. “Só um governo socialista e revolucionário pode atender aos nossos interesses. A classe trabalhadora pode romper com essa lógica das oligarquias que mandam neste estado”, disse.

PIAUÍ

Geraldo Carvalho foi escolhido como candidato a governador. A vice será Geracina Rebolças, professora aposentada da rede estadual. Fran de Jesus, uma das fundadoras da Ocupação Esperança Garcia, será candidata a deputada federal, assim como o professor Egmar Oliveira. Para o Senado, teremos uma candidatura coletiva agrupando a representação de três ativistas que há décadas atuam nos movimentos sociais: Gerásio Santos, Romildo Araújo e Tibério César. A candidata a deputada estadual será a professora Yara Ferry.

PARAÍBA

Antônio Nascimento, líder sindical da oposição rodoviária, será o candidato a governador. A professora aposentada e ativista dos movimentos sociais Alice Maciel será a vice.

“Vamos combater esse sistema capitalista que oprime e explora a classe trabalhadora. Bolsonaro e a extrema direita visam uma ditadura, e os governos reformistas procuram manter nossas liberdades democráticas, mas votam contra nossos direitos e exploram a nossa classe. A solução é construir uma alternativa socialista e revolucionária que atenda as necessidades da classe trabalhadora”, disse Antônio Nascimento.

ALAGOAS

A Convenção Estadual aprovou a candidatura do químico Manoel Moisés a deputado estadual e do servidor público Paulo Falcão a deputado federal.

“Vamos dialogar e mobilizar a classe trabalhadora contra a retirada de direitos, em defesa dos serviços públicos gratuitos e de qualidade para todos, contra a reforma administrativa (PEC 32/2020), pela revogação do teto de gastos públicos (EC 95/2016) e pela revogação das reformas previdenciária e trabalhista. Bem como vamos pautar a defesa da Petrobras 100% pública, sob controle dos trabalhadores”, disse Paulo Falcão.

SANTA CATARINA

A chapa aprovada pelos filiados do partido é formada pelo professor Alex Alano, para governador, e Gabriela Santetti, para vice. Gilmar Santos Salgado vai concorrer ao cargo de senador. O estudante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e militante do Rebeldia, Vinicius Sodré, será candidato a deputado federal. O professor Carlos Bruno será candidato a deputado estadual.

“Nossas candidaturas estarão junto com o movimento sindical, estudantil e popular para evitar as privatizações no estado e no país e reverter as que já foram feitas”, destacou Alex Alano.

PARANÁ

A Convenção Estadual aprovou o nome do Professor Ivan como candidato a governador do Paraná. Phill Natal será o vice. Também foram oficializadas as candidaturas de Samuel a deputado federal e Professora Samara a deputada estadual.

“Enquanto Bolsonaro, parceiro de Ratinho Júnior, governador do Paraná, sobe o tom das ameaças autoritárias, Requião, do PT, elogia general da ditadura militar. Derrotar Bolsonaro e Ratinho é urgente, mas precisamos ir além”, ressaltou Ivan.

AMAPÁ

Foram oficializados os nomes do professor Gianfranco Gusmão como candidato a governador e da técnica de enfermagem Ana Paula Pinheiro como vice-governadora. A Convenção contou com a presença de simpatizantes, militantes e filiados do PSTU. “Todos os outros candidatos representam as duas faces da mesma moeda, ou seja, têm o mesmo projeto de governar para os ricos, alguns já estiveram no poder e são os responsáveis pelo desemprego e a fome que atinge mais de 100 mil pessoas no estado”, afirmou Gianfranco.

PERNAMBUCO

Com uma plenária representativa e com a presença de Vera, pré-candidata à Presidência da República, a Convenção aprovou o nome da professora Claudia Ribeiro a governadora. O professor Mariano será o vice. Também foi confirmado o nome da servidora pública da saúde e do movimento Luta Popular, Dayse Medeiros, ao cargo de senadora. Ainda foram aprovados os nomes de Hélio Cabral e Simone Fontana a deputados federais, e de Jefferson, Eulina, Katianny e Laurentino a deputados e deputadas estaduais. “Nossas candidaturas representam a nossa luta em Pernambuco, do litoral ao sertão, como forma de apresentar uma alternativa aos 16 anos de governos do PSB, PT e PCdoB, que só fizeram aumentar a desigualdade para os trabalhadores, enquanto os super-ricos lucram com a pobreza do povo”, afirmou Claudia.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3D3XDFB](https://bit.ly/3D3XDFB)

DESIGUALDADE

Fome e carestia de um lado, lucros recordes de outro



DA REDAÇÃO

Foi-se o tempo em que o tema da fome era um problema restrito a uma parcela minoritária da população mais pobre. O aprofundamento da crise econômica e social, com a disparada da inflação e a carestia, tornam a falta de comida uma realidade cada vez mais concreta no dia-a-dia da classe trabalhadora, num dos países que mais produzem alimentos no mundo.



Pesquisa Datafolha realizada nos dias 27 e 28 de julho revela que um em cada três brasileiros não tiveram comida suficiente para alimentar a família nos últimos meses. O percentual dos que não contaram com o mínimo para comer passou de 26% em maio para 33% em julho. Por outro lado, os que declararam conseguir comer o mínimo suficiente caiu de 62% para 55% nesse período.

Entre as mulheres, 37% não conseguiram comer o suficiente para se manter, e entre os negros esse número chega a 40%.

Outro dado reflete essa situação cada vez mais dramática: 17% dos entrevistados estavam em uma família que tiveram que vender algum bem para comprar comida. São famílias que se desfizeram de uma televisão, um celular ou qualquer

outro objeto para não morrerem de fome. Entre os mais pobres, esse número chega a 24%, e entre os desempregados, 32%.

SETE EM CADA DEZ COMPRARAM MENOS COMIDA

Outra pesquisa recente confirma essa tendência. Segundo levantamento da Ipec (Instituto em Pesquisa e Consultoria Estratégica), sete em cada dez brasileiros compraram menos alimentos nos últimos seis meses. Ainda segundo a pesquisa, 72% deixaram de comprar carne de primeira, 28% cortaram até a de segunda, e 26% até carnes processadas como linguiça e salsicha.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3A0IY1P](https://bit.ly/3A0IY1P)

CARESTIA NA MESA



33% não conseguem comer o suficiente

17% das famílias venderam algo para comprar comida

70% compraram menos alimentos

DESIGUALDADE

A farra dos dividendos bilionários

Enquanto as famílias mais pobres convivem com a fome, e milhões de trabalhadores enfrentam a inflação, sendo obrigados a trocar o leite por “soro de leite” e demais alimentos por subprodutos, no andar de cima, naquela fatia dos 0,1%, a realidade é bem outra.

O recente anúncio dos lucros recordes da Petrobras mostra a farra dos superricos. A empresa divulgou a distribuição de R\$ 87,8 bilhões em dividendos (o lucro repartido) aos acionistas só neste segundo trimestre. Nos primeiros seis meses do ano, a Petrobras vai distribuir

mais de R\$ 136 bilhões em lucros essencialmente a grandes banqueiros e megaespeculadores. Lucros recordes e dividendos bilionários mantidos pelos preços dos combustíveis e o gás de cozinha nas alturas, já que a política do PPI (Preço de Paridade Internacional) cobra aqui o valor desses produtos no mercado internacional. Ou seja, os lucros bilionários dos grandes acionistas têm uma relação diretamente proporcional com o aumento da carestia e a pobreza de milhões de famílias.

Ao contrário do Imposto de Renda, cuja defasagem castiga

os trabalhadores assalariados mais pobres, os tais dividendos são pagos sem qualquer imposto. Vai do caixa da empresa direto para o bolso do banqueiro em Nova Iorque.

Outras grandes empresas seguem o mesmo padrão. A Vale, por exemplo, distribuiu R\$ 18,5 bilhões aos acionistas no primeiro semestre, enquanto paga uma miséria de salário aos trabalhadores, destrói o meio ambiente e deixa ao relento as vítimas de Brumadinho. Da mesma forma, a CSN, que se recusou a reajustar os salários os trabalhadores pela inflação, o que fez explodir



uma grande mobilização este ano, distribuiu R\$ 2,5 bilhões. A CPFL, empresa de energia de capital aberto, repassou R\$ 3,7 bilhões, às custas de sucessivos aumentos na conta de luz.

As grandes empresas ganham duas vezes com a crise.

De um lado, rebaixam salários e direitos, aumentando a exploração. Por outro, lucram com a inflação. Nessa gangorra de rapina e roubo, o rebaixamento do nível de vida da população impulsiona a boa vida dos bilionários e dos superricos.

PROGRAMA

Emprego, salário e estatização das maiores empresas sob controle dos trabalhadores

Para enfrentar a fome de forma imediata, é preciso retomar o Auxílio Emergencial, de pelo menos um salário mínimo, às 67 milhões de famílias que o recebiam em 2020, e

enquanto durar a crise e não só até as eleições como a medida eleitoreira de Bolsonaro. Mas para resolver mesmo a fome e a carestia, é preciso acabar com o desemprego, garantir

do pleno emprego com todos os direitos.

Para isso, é necessário reduzir a jornada de trabalho sem reduzir os salários. Duplicar o salário mínimo rumo ao mínimo do Die-

ese, e impor um gatilho salarial de acordo com a inflação.

Mas é necessário ir além, estatizar, sob o controle o controle dos trabalhadores, as maiores empresas que do-

minam a economia, e colocá-las para funcionar de acordo com os interesses da população, e não de um punhado de bilionários, banqueiros e megaespeculadores.

NAS RUAS!

Derrotar as ameaças golpistas: mobilização e autodefesa independente dos trabalhadores



DA REDAÇÃO

Nos dias 11 de agosto e 10 de setembro, vamos às ruas combater as ameaças golpistas de Bolsonaro. Defendemos a unidade na ação nas ruas e mobilizações com todos os setores que estejam pela defesa das liberdades democráticas e contrários à violência política da extrema-direita, assim como qualquer tentativa golpista de Bolsonaro. Mas a unidade na ação, nas manifestações em defesa das liberdades democráticas, não significa abdicar nem por um segundo da independência da classe trabalhadora, que não pode seguir a reboque de setores da burguesia e do imperialismo e, muito menos, avalizar a defesa do Estado capitalista, a “democracia dos



ricos” e asuperexploração dos trabalhadores.

A classe trabalhadora precisa entrar em ação, com independência de classe. Somente os trabalhadores organizados, mobilizados e com autodefesa podem derrotar até o final qualquer tipo de movimentação golpista. É nossa obrigação levar essa discussão para as assem-

bleias de todas as categorias, defender a participação nas mobilizações de rua, explicar que a classe trabalhadora deve ser a vanguarda dessa luta e doporquê, apenas com independência política, é possível garantir até o final as liberdades democráticas. A unidade de ação que possa existir nas ruas com setores burgueses contrários a

um golpe não pode nos levar a nenhuma aliança política ou confiança na patronal.

As entidades da classe trabalhadora devem estar à frente dessa luta. Serão os trabalhadores quem mais sofrerão as consequências de um golpe, com o fim da liberdade de expressão, da livre organização e do direito de greve.

Não é prudente descartar uma iniciativa golpista de Bolsonaro, ainda que não haja condições, hoje, de um golpe sair vitorioso e se consolidar. Tanto o imperialismo norte-americano na figura de Joe Biden, quanto os setores da burguesia aqui no Brasil não defendem o golpe. Além disso, a classe trabalhadora e a maioria do povo estão na oposição ao governo.

Mas Bolsonaro está desesperado com medo de ser preso ao perder o cargo. Ele pode

insuflar uma agitação de suas bases, com forte presença de setores armados, para a violência política nas eleições e, em caso de derrota, tentar um golpe à lá Capitólio, copiando o que fez Trump nos EUA.

Prova disso é a sua tentativa de transformar o 7 de Setembro numa mistura de ameaça golpista e comício de campanha. Tenta transformar um desfile militar em seu apoio, e quer promover uma mobilização de seus apoiadores.

Por tudo isso, é preciso pautar nas assembleias de toda as categorias a discussão sobre o projeto autoritário de Bolsonaro e sobre a importância da construção de fortes mobilizações no dia 11 de agosto e 10 de setembro e da sua participação com independência política de classe.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3P6VUW6](https://bit.ly/3p6vuw6)

CONCILIAÇÃO NÃO É A SAÍDA

Os trabalhadores não podem assinar carta em defesa do Estado burguês

Houve grande repercussão a “carta pela democracia” organizada por professores da USP, que contou com a adesão da intelectualidade, do mundo jurídico e de uma parte grande do empresariado. Também está sendo lançada uma carta da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo) e da Febraban (Federação dos banqueiros) juntando pesos pesados da burguesia brasileira.

A carta é assinada e apoiada por alguns setores burgueses que eram bolsonaristas até ontem, e por setores burgueses que hoje estão contra um gol-

pe, mas que defendem a imposição de um novo patamar de exploração aos trabalhadores, garantindo e defendendo os lucros de suas grandes empresas.

Precisamos de unidade na ação, na rua e na luta, para derrotar as ameaças golpistas de Bolsonaro. Mas os trabalhadores não devem fazer isso confiando em um programa com a burguesia. É um erro as centrais sindicais aderirem a esta carta que tem o programa do empresariado que estão fazendo de tudo para retirar direitos trabalhistas, rebaixar salários e atacar os trabalhadores.

Apesar da carta ser daqueles setores burgueses que estão contra o golpe, pelos seus interesses capitalistas e pelo tamanho da crise do sistema, nada garante que amanhã não mudem de posição.

Hoje estão contra porque um golpe pode significar instabilidade e prejuízos. Se fosse o contrário, seriam eles os primeiros a bater continência ao tresloucado capitão, como de certa maneira fizeram em 2018. Não é possível confiar que defendam as liberdades democráticas até o final. Aliás, não ficam incomodados que o bolsonarismo siga existindo e possa ser uma carta

na manga para enfrentar a luta da classe trabalhadora contra a crise social.

Somos contra qualquer fechamento de regime. Uma dita-

dura é muito pior do que uma democracia dos ricos para a organização e a luta dos trabalhadores. Por isso somos defensores incansáveis das liberdades de-



Golpistas de Bolsonaro com Lula, construindo uma saída para os golpadores



o arranjo social atual, é se colocar em defesa do capitalismo. A carta até cita as desigualdades sociais que existem no Brasil. Mas acreditar que basta apoiar o regime político atual para que isso se resolva, não nos leva a lugar nenhum. Afinal, porque será que mais de 30 anos depois do fim da ditadura militar precisamos novamente lutar contra ameaças golpistas dos militares? Por que, depois de tanta luta do povo brasileiro, ainda permanecem as chagas do autoritarismo, da desigualdade social, da miséria e pobreza?

A resposta é que o capitalismo brasileiro se manteve intacto, e seguiu servindo aos lucros da burguesia, sem resolver os principais problemas do país, enquanto para o povo é fome, miséria, repressão e violência.

O PT defende que a classe trabalhadora capitule à burguesia e ao imperialismo. Saúdam a carta sem fazer críticas e ainda minimizam os perigos das ameaças golpistas. Lula disse confiar nas Forças Armadas, se tornando um fiador das instituições, do imperialismo e dos setores burgueses. Cumpre um papel não só desmo-

bilizador, mas também é responsável por chamar os trabalhadores a confiarem cada vez mais na burguesia. Está buscando ampliar cada vez mais sua aliança com os ricos e poderosos, não só com Alckmin, mas buscando até mesmo bolsonaristas como Luciano Bivar. Foram obrigados a chamar as mobilizações, mas, ao dizer que a grande arma contra o golpismo é a eleição de Lula, escondem que a ultradireita infelizmente veio para ficar.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3P6VUW6](https://bit.ly/3p6vuw6)

mocráticas. Mas não podemos compactuar com a mentira de que vivemos em uma “democracia para todos”, quando, na verdade, vivemos em uma democracia para os ricos.

Afirmar que a saída contra as ameaças de Bolsonaro é o “Estado Democrático de Direito”, que inclui a manutenção da propriedade capitalista, o sistema de exploração e opressão e

FORTALECER UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA

Contra Bolsonaro, a ultradireita e aqueles que se aliam aos ricos

A ultradireita é uma ala da burguesia mundial que não vê problemas em atacar o regime democrático burguês para impor um patamar superior de exploração, barbárie e opressão em nome da manutenção do sistema e dos seus lucros. São um fenômeno mundial, produto da crise que demonstram o nível de degradação alcançado pelo capitalismo.

Derrotar esta ultradireita é fundamental e o único caminho para isso é derrotar o sis-

tema que a criou. O programa capaz de fazer isso, que se contrapõe a eles, não é o de amplas alianças com a burguesia, mas sim o programa socialista, operário e revolucionário.

Nesta batalha contra Bolsonaro é de vida ou morte para os trabalhadores fortalecer uma alternativa sua, de classe, com independência e que tenha um programa que ataque os interesses dos capitalistas. Sem isso nem derrotar a ultradireita de verdade é possível.

É errado apoiar Lula no primeiro turno justamente porque isso é sucumbir às alianças com a burguesia que impede e atrasa o avanço na consciência e na organização dos trabalhadores. O projeto de Lula e o PT terminará por fortalecer justamente a ultradireita. Vejamos o exemplo da Itália onde vem ganhando força novos agrupamentos da ultradireita depois de sucessivos governos de coalizão entre a ultradireita, a direita tradicional e um partido de esquerda.



DOMINAÇÃO

As diversas faces da burguesia imperialista

O governo Biden se posicionou contra as ameaças golpistas. Isso contribuiu para deslocar uma parte importante do empresariado brasileiro, que obedece a seus verdadeiros chefes, para uma posição abertamente contra o golpe. Como a história prova, tanto os EUA quanto a burguesia brasileira não têm lá muito compromisso com democracia nenhuma. Afinal, ambos foram responsáveis pelo golpe de 1964.

Que neste momento o atual governo norte-americano esteja contra um golpe, ou contra acabar abertamente com as liberdades democráticas, diz mais sobre a falta de necessidade que vê para isso hoje, do que de fato um compromisso com as liberdades e direitos democráticos do povo. Não faria sentido queimar esta cartada, que pode ser usada ali na frente pelo imperialismo.

Aliás, o imperialismo tem várias caras, divisões e lutas entre os diferentes setores. Há a ultradireita na qual Trump ainda é sua maior expressão e que, mesmo após a derrota na eleição, continua tendo um papel importante na política do país. Basta vermos as recentes pesquisas eleitorais e a impopularidade de Biden.

Apesar das diferenças entre os governos imperialistas, ou seja, da forma de dominação em dado momento, fato é que a linha que separa a burguesia imperialista da reação democrática, ou reação autoritária, é bastante fina. E os interesses imperialistas continuam sendo explorar, oprimir e submeter os povos, mesmo quando, por força das circunstâncias, denunciam uma ameaça golpista reacionária como no caso de Bolsonaro.

TODO APOIO

Petroleiros da REGAP mobilizados contra a privatização

EUGÊNIO MACEDO, GERALDO ARAÚJO 'BATATA' E GUSTAVO MACHADO, DE CONTAGEM (MG).

Nos últimos anos o governo Bolsonaro e a diretoria da Petrobras têm intensificado o desmonte e entrega das riquezas do país através das privatizações. Aprofundam-se os leilões das reservas estratégicas de petróleo e privatizações das refinarias.

É importante lembrar que as privatizações em Minas Gerais têm consequências terríveis. Os crimes da Vale, como em Mariana e Brumadinho, nos lembram, como uma dolorosa chicotada a dor das famílias vítimas da ganância dos acionistas.

Entre as refinarias na mira das privatizações está a Refinaria

Gabriel Passos (Regap), em Betim (MG). A Regap foi construída em 1968, para fomentar o progresso e garantir o abastecimento de parte de Minas e Brasília.

A construção de refinarias no país era parte de “projeto desenvolvimentista”, onde cabia ao Estado garantir infraestrutura e matérias-primas baratas para o desenvolvimento industrial, com objetivo de atrair multinacionais. A burguesia nacional assumiria como sócia minoritária um projeto que transformou o país numa plataforma industrial das multinacionais para toda América Latina.

O projeto, capitaneado pela

ditadura militar, transformou o país na oitava economia com maior PIB (Produto Interno Bruto), agregando valor ao saque de nossas riquezas. Ao mesmo tempo em que lançou milhões de pessoas em gigantescas favelas, com graves problemas sociais que perduram até hoje.

Nos últimos anos esse “projeto” deu lugar a primarização da economia, com predominância em investimentos no agrobusiness, mineração e óleo bruto (do pré-sal), voltadas para exportação. A burguesia nacional deixa de investir em indústrias para partir diretamente para a divisão do botim de estatais através das privatizações, terceirizações etc.



Petroleiro da Regap em ato nacional em defesa da Petrobras.

MAIOR DEPENDÊNCIA

Por que o combustível tá caro?

Nos últimos anos já foram privatizadas a BR Distribuidora, Liquigás, Eletrobrás e quatro refinarias entregues a monopólios privados regionais. Para garantir esse processo o governo estabeleceu um plano de sucateamento e desinvestimentos nas refinarias.

Acompanhando o Fator de Utilização (FT) das refinarias vimos uma queda acentuada. Em 2015 a média do “FT” foi de 83,5%, em 2018 baixou para 72,7%, e 2020 para 77,2%. Na Regap a situação é ainda pior: Em 2013, o FT era de 94,1% caindo para 75%, em 2020. A refinaria deixou de colocar em circulação 41 mil barris diários de combustíveis.

Em relação a atual Política de Preços da Petrobrás, a PPI,

vende-se o petróleo não em função dos custos de extração, mas segundo os preços do mercado internacional. Para se tornar independente dos preços no mercado internacional, o Brasil deveria ser autônomo em relação ao refino. Contudo, quanto a produção de combustíveis refinados (gasolina, diesel, gás de cozinha etc.), o Brasil refinou 112 milhões de metros cúbicos (m3) e consumiu 140 milhões em 2020. Com isso, importamos 49 mil barris por dia em 2020, ao custo de US\$ 2,6 bilhões.

Seria a privatização a solução para resolver o problema da autossuficiência no refino? A solução é precisamente o contrário. O monopólio da Petrobras na exploração e do

refino de petróleo foi quebrado em 1997. Apesar disso, nenhuma grande refinaria estrangeira aqui se instalou. Preferiram comprar o petróleo brasileiro para refiná-lo fora do Brasil e, se for o caso, revendê-lo novamente para o país.

Ao mesmo tempo que sucateia as refinarias ampliam-se as importações, pagando em dólar e Euro o combustível importado dos EUA, Holanda, Bélgica e Reino Unido. O que parece irracional para a população, que paga caríssimo pelo combustível, é perfeitamente compreensível se olharmos a lucratividade dos acionistas e a distribuições de dividendos. Para 2022 a previsão é de US\$ 47 bilhões (R\$ 260 bilhões).



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QI2096](https://bit.ly/3QI2096)

MOBILIZAÇÃO

Greve dos petroleiros da REGAP pode começar a qualquer momento

Os petroleiros da Regap vêm realizando uma forte campanha, a partir do Sindipetro-MG, para impedir a privatização da refinaria. Já foram realizadas assembleias aprovando o indicativo de greve, além de atos com o movimento sindical e popular no sentido buscar ampliar o movimento em caso de iniciar o processo de privatização.

É muito importante, nesse momento, apresentar um programa que atenda as necessidades para manter os empregos e os direitos, como também das demandas da maioria da população, com barateamento do gás, da gasolina e diesel.

Essas demandas somente podem ser atendidas com a completa estatização da Petrobras, sob o controle dos trabalhadores, o congelamento da distribuição dos dividendos, e a eleição dos conselheiros da empresa pelos próprios trabalhadores. Ou seja, o controle operário da produção.

CONSEQUÊNCIAS

Menos empregos, combustíveis mais caros, alimentos mais caros

Em 2014 a Regap deixou de receber investimentos na ordem de R\$ 600 milhões para aumentar a capacidade de refino. Essa quantia foi investida na refinaria da Bahia, uma das privatizadas. Além da queda na produção ocorreu também uma queda no número de trabalhadores. A empresa chegou a ter 3.500 trabalhadores e hoje conta somente com 1.841, sendo 1.200 tercerizados.

Na outra ponta, o trabalhador assalariado vê seu poder de compra reduzir ao nível inferior a sua subsistência, levado a miséria, com o aumento dos preços do pão, da carne, do leite, para abastecer o bolso de sanguessugas do mercado financeiro.

O PEÃO VOLTOU

Chapa da oposição vence eleições do Sindicato dos Metalúrgicos do Sul Fluminense

ATNÁGORAS LOPES,
DA CSP-CONLUTAS

Na madrugada do dia 29 de julho foi encerrada a apuração das eleições do Sindicato dos Metalúrgicos do Sul Fluminense. Por uma larga vantagem, a Chapa 2, “A Hora da Mudança”, apoiada pela Central Sindical e Popular (CSP-Conlutas), foi consagrada vitoriosa, com 67% dos votos. Em segundo lugar ficou a Chapa 1, da situação e ligada à Força Sindical, com 19%, seguida pela Chapa da Central Única dos Trabalhadores (CUT), com 13%.

Mais do que uma importante vitória que resgata o sindicato para a luta dos trabalhadores, esse resultado é expressão direta das intensas luta e mobilização protagonizadas pelos operários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda. A Chapa 2 formou-se a partir da Comissão

de Base organizada durante o duro enfrentamento contra a empresa, enfrentando-se também contra a burocracia que há mais de dez anos estava encastelada na direção da entidade, entregando direitos e tornando-se, na prática, agente direto da patronal na categoria. Além da CSN, têm também empresas como Volkswagen e Renault na base da entidade em Resende.

A Chapa 2 bateu de frente ainda com a chapa da CUT, que se utilizou de uma série de calúnias, cumprindo um papel de coluna auxiliar da burocracia. A Chapa 2 é composta por operários novos, do chão de fábrica, que tem à frente Edimar Pereira (presidente) e Odair da Silva (vice-presidente), membro da Comissão que foi demitido durante a greve e posteriormente reintegrado. Também é apoiada por uma série de sindicatos e pela Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB).



A CSP-Conlutas e a militância do PSTU estiveram desde o início da mobilização acompanhando a luta dos operários da CSN, constituindo-se

em apoios fundamentais para a organização e o fortalecimento da Comissão de Base. Em maio, a Comissão de Base da CSN da Unidade Presiden-

te Vargas, de Volta Redonda, oficializou sua filiação à CSP-Conlutas durante a reunião da coordenação da central, em São Paulo.

DE PÉ CONTRA A SUPEREXPLORAÇÃO

Greve histórica contra a superexploração



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Q3NMHR](https://bit.ly/3Q3NMHR)

Ao coro de “o peão voltou”, os operários da CSN em Volta Redonda cruzaram os braços no dia 5 de abril. Há três anos sem reajuste e sofrendo com os

piores salários do setor, mesmo numa das maiores empresas da América Latina, a recusa da siderúrgica em conceder nem ao menos o reajuste da inflação foi

o estopim para a explosão da mobilização. Do outro lado, o presidente da CSN, Benjamim Steinbruch, anunciava lucros recordes de R\$ 13 bilhões.

A resposta da CSN foi truculência e intransigência. Além de se recusar a negociar, demitiu mais de 100 operários em retaliação à greve. A mobilização da Comissão de Base, porém, conseguiu reverter parte das demissões.

A superexploração a que os operários da CSN em Volta Redonda são submetidos, com salários de até R\$ 1.300,00 e aumento sucessivo da jornada de trabalho, e a indignação causada pelo aumento bilionário dos lucros de Steinbruch e dos grandes acionistas da empresa fizeram explodir a mobilização. Da luta contra a patronal, e diante da omissão da direção do sindicato, os operários viram a necessidade da organização pela base para avançar.

Assim, essa importante vitória que resgata o sindicato para

a luta dos trabalhadores é expressão direta da intensa luta e mobilização protagonizada pelos operários da CSN. Agora, após essas eleições, terão a entidade não mais como um entrave, mas como apoio e impulsionador das lutas.

“O sindicato vai retomar o seu caminho de luta após a valerosa greve que passou por cima da direção da entidade”, afirma Luiz Carlos Prates, o Mancha, da Executiva da CSP-Conlutas e da direção do PSTU. “E agora vamos estender essa mobilização para o conjunto dos trabalhadores para que os sindicatos voltem a ser instrumentos de luta, para que ganhe a democracia operária, a independência de classe, a independência em relação aos governos e aos patrões”, finaliza.

CRISE DO CAPITAL E LUTA DE CLASSE

Lutas dos trabalhadores e oprimidos no mundo contra os ataques do imperialismo

Enquanto escrevemos este artigo, os trabalhadores e as massas populares no Panamá seguem os passos de seus irmãos equatorianos e do Sri Lanka: paralisam o país, exigem a redução dos preços dos combustíveis e da cesta básica, e enfrentam uma violenta repressão. No Reino Unido, os ferroviários britânicos e de outros setores protagonizam uma dura luta contra a redução de seus salários engolidos pela inflação, com uma onda de greves que enfrenta o já finado governo de Boris Johnson.



ALEJANDRO ITURBE E RICARDO AYALA,
DE SÃO PAULO (SP)

O verdadeiro roubo que a inflação significa sobre os salários e a renda dos setores populares, o desabastecimento de produtos imprescindíveis e o aumento descontrolado dos preços dos alimentos estão provocando uma situação intolerável que gera crescentes respostas de luta em diversas partes do mundo, as quais incluem verdadeiros levantes populares.

O mais recente é o ocorrido em Sri Lanka, onde uma onda de greves e mobilizações em resposta à altíssima inflação e a falta de produtos básicos (em meio a uma grave crise de dívida externa) levou os trabalhadores e as massas populares a ocuparem a residência presidencial e forçar a renúncia do presidente Gotabaya Rajapaksa, que fugiu do país.

Poucas semanas antes, o Equador protagonizou um levante popular contra o governo do presidente Guillermo Lasso, que explodiu pela alta do preço dos combustíveis. Foi liderado pelas massas in-

dígenas campesinas, que marcharam para as cidades e receberam o apoio dos habitantes dos bairros operários e populares. O governo Lasso teve que retroceder no aumento dos combustíveis.

Uma dinâmica parecida está ocorrendo no Panamá, onde há cerca de duas semanas se desenvolve uma onda de greves, manifestações e bloqueios de estradas “contra o aumento da inflação e da corrupção”. Nesse marco, o governo de Laurentino Cortizo busca negociar com os sindicatos. A situação tem sido descrita como “a crise de maior magnitude” das últimas décadas, com o país “à beira de uma explosão social”.

A população trabalhadora dos países semicoloniais se levanta contra a fome e a degradação social, acentuadas pelo aumento do dólar, a desvalorização de suas moedas nacionais, o aumento do custo da importação de combustíveis e uma dívida externa e uma inflação que dispararam.



Multidão se revolta, invade residência oficial e expulsa presidente de casa no Sri Lanka.

PAÍSES IMPERIALISTAS

Mas a onda de mobilizações já afeta também a classe trabalhadora dos países imperialistas. Na primeira fila temos as greves na Grã Bretanha, expressando a profunda raiva diante da desvalorização dos salários e da queda do nível de vida pela inflação, juntamente com o ataque aos serviços públicos, em meio a uma crise política em que Boris Johnson apresentou sua renúncia.

Dos nossos camaradas britânicos chega o relato de que as trabalhadoras e trabalhado-

res britânicos ferroviários e as enfermeiras, que foram aclamados como heróis durante o período mais difícil da pandemia, agora são convertidos em párias. À mobilização dos operários ferroviários, com seis dias de paralisação até agora neste ano, somam-se os motoristas de ônibus que se declararam em greve em muitas cidades, como Liverpool, os condutores de bondes em Londres e os trabalhadores portuários. O pessoal dos hospitais (1,5 milhão de trabalhadores), professores (624 mil), funcionários e bombeiros estão recebendo uma combina-

ção de aumentos salariais inferiores à inflação, desemprego, ataque às aposentadorias e às condições de trabalho.

A vanguarda da luta está sendo protagonizada pelo setor do transporte, com numerosas greves e conflitos no transporte aéreo, em diversos países e companhias aéreas. Além do transporte, temos a greve em curso dos petroleiros noruegueses. O rechaço por parte do IG Metall do aumento de 4,7% do salário oferecido pela patronal metalúrgica alemã pode mudar o ambiente na região. Os conflitos começam a ocorrer também em outros países, como a França e o Estado espanhol.

Nos países europeus pertencentes à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), os trabalhadores veem como, ao mesmo tempo que seus salários são corroídos pela inflação, seus direitos trabalhistas são atacados e os serviços públicos se deterioraram, seus governos projetam gastar fortunas para rearmar-se até os dentes.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3VMT15](https://bit.ly/3VMT15)

DÍVIDA EXTERNA

A “tempestade perfeita” está por vir

O Fundo Monetário Internacional (FMI) alerta sobre a tendência de uma “grande tempestade perfeita” nos países semicoloniais, com a combinação de uma crise no pagamento de suas dívidas

externas, empurrada pela alta do dólar e do euro e pela desvalorização de suas moedas, somada à alta inflação. Ao mesmo tempo, o aumento dos preços dos combustíveis, acentuado pela guerra

na Ucrânia, eleva os custos de produção e drena mais dólares para os monopólios petrolíferos imperialistas.

Mídias especializadas já publicam um ranking de “países com maior risco de

default” (não pagamento da dívida) em 2022. Nessa lista figuram Ucrânia, Turquia e Argentina. A situação da Ucrânia, no meio de uma guerra de defesa de sua soberania nacional contra a



No Equador, povo se levantou contra o aumento dos combustíveis.

Rússia, é muito conhecida. A Turquia e a Argentina são “panelas de pressão” prestes a explodir, com as maiores inflações do mundo e um processo paralelo de liquefação de suas moedas nacionais. Um processo semelhante vive a África do Sul, que também está nessa lista.

Como consequência, se mantém a tendência de surgimento de levantes populares nos países semicoloniais endividados. O fator que diferencia esses processos dos que ocorreram durante a pandemia é a intervenção da classe operária, como mostram as greves no Brasil.

Para o FMI, a “tempestade perfeita” está circunscrita a novas crises de inadimplência das dívidas externas dos países semicoloniais. O aumento das taxas de juros por parte da Reserva Federal dos EUA aumenta a drenagem para os bancos e instituições imperialistas e empurra à estagnação das economias. Nos países imperialis-

tas, a alta das taxas de juros também empurra à estagnação, sem conter uma inflação que corrói gravemente os salários, aposentadorias e outras rendas. Ao mesmo tempo, põe em risco a sustentabilidade da dívida dos países periféricos da União Europeia, como Itália, Estado espanhol, Portugal e Grécia. Se a classe operária dos países europeus aumentar sua resistência, acompanhando seus irmãos ingleses, poderia se formar uma tempestade perfeita... mas de luta de classes.

É nesse contexto que a diretora-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, propõe “uma nova redução do crescimento mundial tanto para 2022 como para 2023... Será um 2022 difícil, e possivelmente um 2023 ainda mais difícil, com um maior risco de recessão”.

Com a inflação nos máximos históricos de muitas décadas e diante da guerra energética iniciada com a



Em julho, a população do Panamá realizou protestos e bloqueios contra a inflação e o aumento dos combustíveis.

Rússia, com grandes cortes do gás russo enviado à Europa e a ameaça de um corte completo, as temperaturas do tórrido verão europeu aumentam. Bruxelas (sede da União

Europeia) propõe, a serviço da indústria alemã, reduções obrigatórias do consumo de energia em pleno inverno, que o Estado espanhol e Portugal não aceitam. A queda do

“atlantista” [pró-Otan] Mario Draghi, à frente do governo da Itália, expressa os graves problemas que a União Europeia enfrenta e os grandes riscos para manter sua coesão.

RESPOSTA À CRISE

Unidade de luta da classe trabalhadora mundial contra o imperialismo



No dia 25, uma multidão se reuniu em Londres. Uma das maiores greves ferroviárias em 30 anos tomou conta do país.

Diante da iminência de uma crise generalizada da dívida pública – externa e interna –, os governos imperialistas e das nações semicoloniais orquestram uma políti-

ca de “disciplina fiscal” baseada em “políticas de ajuste” contra os trabalhadores e setores populares. E enquanto os salários são desvalorizados pela inflação em todo o

mundo, os governos imperialistas aumentam em proporções inauditas os orçamentos militares, acentuando a exploração dos países semicoloniais mediante a dívida ex-

terna e a inflação. Entretanto, não entregam à Ucrânia as armas necessárias para poder derrotar Putin, prolongando, assim, a guerra.

Querem financiar a fatura do enorme rearmamento em marcha, seja pela expropriação salarial ou pelo pagamento da dívida pública que engorda os cofres dos bancos e das instituições de crédito. A necessidade imperiosa de unidade do proletariado mundial se impõe contra a ofensiva imperialista.

Lutas como as do Equador, Sri Lanka e Panamá propõem com evidência a necessidade de derrubar os governos entreguistas e, com isso, a questão da necessidade da tomada do poder pelos trabalhadores e pelas massas. As lutas operárias, como as da Grã Bretanha, expõem de forma premente a necessidade de unificá-las em uma greve geral e propõem,

além disso, a urgência da luta pela escala móvel de salários, ou seja, seu reajuste mensal segundo a alta de preços.

Por outro lado, a intervenção da classe trabalhadora com seus próprios métodos nos recentes levantes sociais é chave para o avanço sustentado da luta contra os governos que aplicam os ditames do FMI. A consigna “Não ao pagamento da dívida externa” (e interna também) é vital para deter a exploração dos trabalhadores e dos povos. Na Europa, por seu lado, está proposta a tarefa de lutar contra o rearmamento que os governos imperialistas realizam e que esse dinheiro seja usado para satisfazer as necessidades dos trabalhadores, não a serviço da Otan imperialista.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3VMT15](https://bit.ly/3VMT15)

'MONKEYPOX'

Varíola dos macacos, uma emergência internacional



DR. ARY BLINDER,
MÉDICO DO SUS EM SÃO PAULO (SP)

Mais um desafio de saúde pública se coloca no mundo. Ainda sem previsão do término da pandemia de Covid, a Organização Mundial da Saúde (OMS) acaba de declarar a varíola dos macacos (Monkeypox em inglês) como emergência internacional de saúde, em aviso emitido em 23 de julho.

Antes de avançar, é fundamental salientar algumas informações, a começar pela questão do nome. Assim como a gripe espanhola não se iniciou na Espanha ou a Covid não foi culpa da China, apesar de ter sido detectada primeiramente em Wuhan, a varíola dos macacos não é transmitida por estes primatas. Na África, onde a transmissão é zoonótica (de animais para humanos), seu reservatório natural são os pequenos roedores.

A Monkeypox é causada por um vírus com características diferentes do coronavírus. Por exemplo, tem um tamanho maior e menos sujeito a muta-

ções. Na África há duas variantes, uma na bacia do Congo (mais mortal) e outra na África ocidental. O período de incubação é de cinco a 21 dias, e as lesões de pele podem ficar de duas a quatro semanas. Outros sintomas importantes são febre, crescimento de gânglios e fraqueza. De poucos meses para cá começou a surgir em vários países fora da África, e a forma de contágio passou de zoonótica para interpessoal. Pode ser transmitida pelo contato da lesão de pele com a pele de outra pessoa, por gotículas no ar ou por contato com objetos de pessoa infectada (principalmente tecidos).

Nos países onde o contágio interpessoal é predominante, até agora a maioria dos casos se deu entre homens que fazem sexo com homens. A mortalidade tem sido relativamente baixa, nove óbitos até o dia 1º de agosto. Foram notificados 24.679 casos no mundo em 79 países. Há algumas preocupações em relação à mortali-



dade, quando a doença se espalhar para outros segmentos populacionais como crianças, idosos e portadores de imunodeficiências. Há indicações de que quem tomou a vacina contra a varíola humana tem algum grau de proteção – alguns estudos falam em 85%. Porém, essa vacina deixou de ser obrigatória no Brasil em 1973, o que torna a população mais jovem mais suscetível.

Embora a mortalidade seja bem mais baixa do que a da Covid, a pandemia evidenciou que o trânsito de pessoas e mercadorias extremamente intenso e descontrolado na atual etapa do capitalismo permite o espalha-

mento muito rápido de doenças altamente contagiosas e o surgimento de variantes inesperadas que mudam a periculosidade das mesmas. No entanto, o motivo central do alerta de emergência internacional é o risco importante de que o crescimento exponencial dos casos provoque um estresse e colapso dos serviços de saúde em vários países.

ESTIGMA E RISCOS

O fato de estar atingindo mais a população LGBTI masculina traz alguns riscos. O primeiro é o de estigmatizar os doentes, como ocorreu com o HIV. Essa estigmatização é um fator de muito sofrimento para doen-

tes e familiares e foi um grave erro cometido no caso do HIV nos anos 1980. O estigma também provoca a subnotificação, pois muitos pacientes ficam com vergonha de procurar os serviços de saúde. O segundo risco é de que a população não LGBTI ignore os riscos e não tome as medidas de precaução necessárias. Como agravante, a Monkeypox pode ser assintomática, ou seja, o indivíduo pode ser portador sem apresentar os sintomas e espalhar para várias pessoas.

Outro erro é o de tratar a Monkeypox como uma doença sexualmente transmissível típica. O contágio principal é o de contato de pele, que pode se dar em aproximações sem conteúdo sexual como abraços e beijos entre familiares, amigos ou colegas. Há também a possibilidade de contágio do humano para seu animal de estimação. Devido ao seu mecanismo de transmissão, é provável que atinja vários outros grupos populacionais e siga com seu crescimento exponencial.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Q3NMHR](https://bit.ly/3Q3NMHR)

MEDIDAS

O que fazer para deter a epidemia

O que os governos e serviços de saúde devem fazer frente ao risco que se apresenta? Uma primeira medida é informar massivamente à população sobre os riscos e forma de



contágio. Devem ser feitas campanhas governamentais envolvendo a mídia, escolas, serviços de saúde, sindicatos para o conjunto da população. Evitar e punir todo tipo de fake news, que deve ser encarado como sabotagem social. Isolar os pacientes que forem diagnosticados até que fiquem não infectantes. Aumentar a oferta de testes pelo país. Oferecer educação e treinamento para o conjunto das equipes de saúde, públicas e privadas. Utilizar os recursos do Sistema Único de Saúde (SUS) no rastreamento de casos e comunicantes (familiares, amigos, colegas de trabalho). Importar imediata-

mente os medicamentos contra o Monkeypox. Agilizar a compra de vacinas e acelerar sua possível produção nacional.

A maioria das vacinas é produzida por uma empresa dinamarquesa e em uma quantidade muito pequena frente à necessidade mundial (30 milhões de doses anuais). Possivelmente os países mais ricos vão comprar toda a produção atual e ocorra um novo apartheid vacinal. Os países pobres e os intermediários poderão ficar sem a vacina este ano. Está colocada novamente a discussão da quebra de patentes ou liberação pela empresa produtora para que outros países a produzam.

CONTRAMÃO

Ministério da Saúde e o negacionismo de Bolsonaro

O Ministério da Saúde já deu um exemplo do que não pode ser feito, quando declarou que o sistema de saúde está preparado para a Monkeypox. Trata-se de mais um episódio do negacionismo do governo Bolsonaro e da falência técnica e operacional do atual ministério. A realidade é justamente oposta; é preciso que se crie um clima de motivação para o combate à doença, que envolve muito treinamento das equipes de saúde, fornecimento de testes, preparação para a possibilidade de estresse ou colapso de serviços de saúde, compra de medicamentos específicos e vacinas, equipamentos de proteção individual aos trabalhadores de saúde e agilidade para procurar produzir as vacinas aqui mesmo.

No Brasil vai ser necessária muita mobilização popular para conseguir que essas medidas sejam efetivadas pelo governo negacionista e genocida.



**USE O QR-CODE
E LEIA O ARTIGO
COMPLETO**

MEIO AMBIENTE

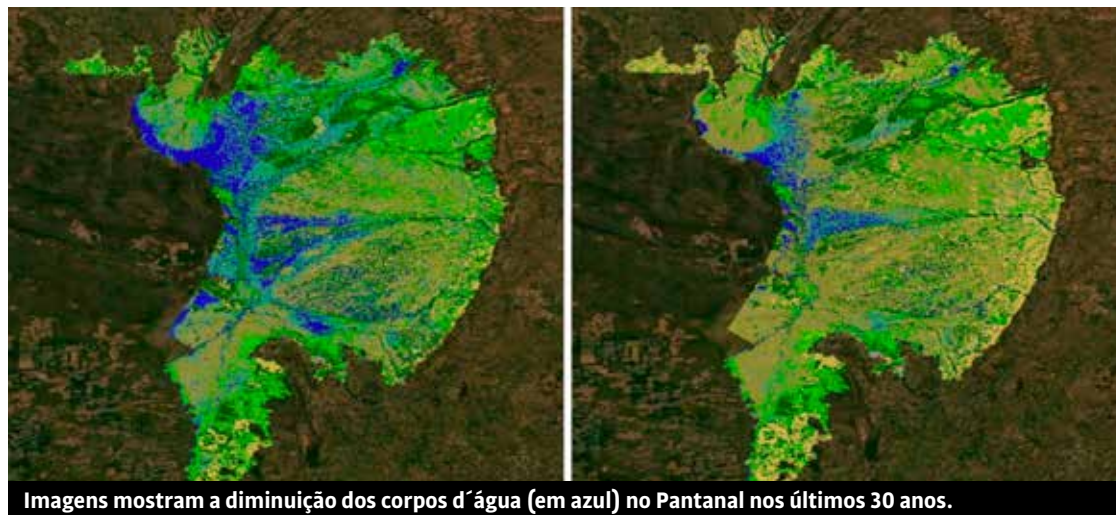
Deputados de Mato Grosso aprovam projeto que fragiliza proteção ao Pantanal

Enquanto a novela Pantanal vem quebrando recordes de audiência e até mesmo sensibilizando a população para ameaças de um dos principais biomas do país, a Assembleia Legislativa de Mato Grosso aprovou, no dia 12 de julho último, o Projeto de Lei (PL) 561/2022, que altera e flexibiliza a Lei 8.830/2008, de proteção do Pantanal. Os deputados mato-grossenses seguem cumprindo a cartilha de devastação ambiental de Jair Bolsonaro, de “passar a boiada”, como disse o ex-ministro Ricardo Salles.

O PL permite a pecuária extensiva em Áreas de Preservação Permanente (APPs), a utilização de até 40% das

propriedades em área alagável para pasto e o uso de agrotóxicos e outros produtos químicos dentro do bioma.

A flexibilização aprovada é de grande impacto, já que 35% do Pantanal estão em território de Mato Grosso, o que reforça a responsabilidade do estado com a sua proteção. Reconhecido como Patrimônio Nacional pela Constituição Federal brasileira, além de Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o Pantanal se destaca por seu papel fundamental na regulação do clima global, como uma importante reserva de carbono.



Imagens mostram a diminuição dos corpos d'água (em azul) no Pantanal nos últimos 30 anos.

O Pantanal da novela da Globo é mais seco e menos verde que o da Manchete dos anos 1990. Dados mostram que a média histórica da área inundada do Pantanal caiu 26% nos últimos 30 anos. As cheias também estão

ficando mais curtas. Em reportagem à BBC Brasil, Felipe Dias, do Instituto SOS Pantanal, afirmou: “No passado, o Pantanal ficava três, quatro, até cinco meses inundado, hoje diminuiu para um, dois meses.” A diminuição

das áreas inundáveis permite o avanço das queimadas e da pecuária das fazendas do entorno do bioma. Em 2020, mais de 30% do Pantanal queimaram, o que se configurou na maior tragédia ambiental em décadas.

PROJETO NO CONGRESSO

Bolsonaristas querem anistiar responsáveis pelo massacre do Carandiru

Os responsáveis pelo massacre do Carandiru, que provocou 111 mortes de presos durante uma rebelião em outubro de 1992, estão prestes a ser anistiados. O Projeto de Lei 2.821/2021, aprovado pela Comissão de Segurança Pública da Câmara dos Deputados, anistia os policiais militares processados ou punidos pelo massacre.

O relator do projeto, deputado Sargento Fatur (PSD-PR), deu parecer favorável à proposta do deputado Capitão Augusto (PL-SP), cuja justificativa foi de que “os policiais que atuaram na ação policial ainda sofrem, passadas três décadas, perseguição política ideológica e enfrentam condenações sem a observância mínima das garantias constitucionais”. O projeto será analisado agora pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) e pelo Plenário da Câmara.

Os 73 policiais que atuaram no massacre foram condenados pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) a penas que variavam de 48 a 632 anos.

A anistia defendida pelos deputados bolsonaristas é coerente com a defesa reacionária de Bolsonaro da ditadura militar e dos torturadores do regime, como o coronel Brilhante Ustra. Ao mesmo tem-

po que deseja anistiar criminosos, o governo impôs um verdadeiro desmonte das políticas de reparação às vítimas do regime. No final de junho, o governo tentou extinguir a Comissão de Mortos e Desaparecidos, que tem como objetivo localizar, reconhecer e esclarecer as mortes e desaparecimentos frutos da repressão na ditadura.



SOLIDARIEDADE

Novas ameaças a Manuela D'Ávila



A ex-deputada federal Manuela D'Ávila (PCdoB) denunciou, no dia 1º de agosto, novas ameaças contra ela e sua filha, Laura, de apenas seis anos, sua mãe, Ana Lúcia Pinto Vieira, e o ex-presidente Lula (PT). Manuela divulgou o print de uma mensagem em que um internauta xinga, faz comentários sexuais sobre sua filha, ameaça de morte sua mãe e de esquentar Lula. “Ser uma mulher pública no Brasil é ser ameaçada permanentemente. É conviver com a ameaça de estupro como corre-

ção pela coragem, com a ameaça de morte como silenciador”, escreveu na publicação. Rejane de Oliveira, candidata ao Governo do Rio Grande do Sul pelo PSTU, prestou apoio a Manuela: “Me solidarizo com Manuela D'Ávila, face às ameaças bárbaras contra ela e sua filha, praticadas por grupos de extrema direita seguidores do bolsonarismo. Fazem o uso político do machismo, do racismo, da LGBTfobia e demais formas de violência e opressão. Não iremos aceitar!”, escreveu em seu Twitter.

AGORA É OFICIAL

Convenção nacional do PSTU oficializou a chapa Vera e Raquel Tremembé à presidência do Brasil

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

Com muita animação e alegria, a Convenção Nacional do PSTU oficializou a chapa Vera e Kunã Yporã (Raquel Tremembé) à Presidência da República pelo Polo Socialista e Revolucionário. Cerca de 300 pessoas compareceram à sede do Sindicato dos Metroviários de São Paulo para participar deste momento histórico. Os filiados presentes aprovaram, por unanimidade, a chapa formada por uma operária negra e uma indígena, que defenderão nas eleições um programa socialista e revolucionário.

“Juntos com a militância do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário, vamos apresentar um programa que responde às necessidades mais sentidas pela classe trabalhadora, os setores explorados e oprimidos e pobres de nosso país. Vamos combater Bolsonaro e seu projeto de ditadura, bem como o projeto de conciliação de classes capitaneado pela chapa Lula-Alckmin, encabeçado pelo PT, com o apoio do PCdoB e do PSOL. Vamos chamar a classe trabalhadora a construir uma alternativa independente, sem alianças com os patrões e a burguesia. Uma alternativa socialista”, disse Vera.

A indígena Kunã Yporã, também conhecida como Raquel Tremembé, agradeceu por compor uma chapa socialista e revolucionária com a Vera e pontuou sobre a im-



portância da construção de uma alternativa com independência de classe, diante da crise do capitalismo.

“Estamos presenciando talvez a maior crise do sistema capitalista e, com ela, se aprofundam a desigualdade social, os ataques aos direitos humanos e ao meio ambiente. Essa realidade de medo e crueldade não pode frear os revolucionários e os guardiães das florestas. Um novo horizonte é possível. Nosso primeiro passo é

derrubar Bolsonaro nas ruas, não para defender a democracia dos ricos, mas para fortalecer os esteios de luta e enfraquecer a direita reacionária”, afirmou Tremembé.

“Precisamos estatizar empresas, derrubar a tese do Marco Temporal, demarcar e titular os territórios indígenas e quilombolas, retomar o programa de reforma agrária, que vise distribuir terras economicamente produtivas aos pequenos produtores.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ZZLASM](https://bit.ly/3ZZLASM)

Também é preciso expropriar terras utilizadas para reprodução do trabalho escravo, mineração ilegal e extração ilegal de madeiras. É preciso devolver aos povos extrativistas a gestão das unidades de conservação. Fortalecer a Funai, o Ibama, o ICMBio e o Incra. Todas essas reivindicações devem ser pautadas em unidade com os trabalhadores urbanos, em especial a classe operária”, completou a candidata a vice-presidente.

Vera também pautou a necessidade da unidade dos trabalhadores da cidade e do campo, dos explorados e oprimidos, dos povos originários e quilombolas, na defesa de reivindicações históricas e pelo socialismo. Pautas que serão defendidas “por uma chapa 100% feminina, que defende a destruição desse sistema que nos explora e oprime, e que faz a defesa de outra sociedade, justa e igualitária, uma sociedade socialista”.

ANOTA AÍ

DIA 16 VAMOS ÀS RUAS DEFENDER O VOTO NO 16!

No próximo dia 16 inicia-se oficialmente a campanha eleitoral. A militância do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário vai às ruas apresentar nossas candidaturas socialistas e revolucionárias e defender o voto no 16.

Vamos fazer agitação nas portas das fábricas, nas praças, nas escolas, nas universidades, nas ocupações populares, nos bairros periféricos, nas terras indígenas e quilombolas.

Chamamos os apoiadores a somarem conosco nesse dia. **Entre em contato com a campanha e organize as atividades do dia 16 na sua cidade. Mande um zap: (11) 99197-5733.**

ENTRE NA CAMPANHA



Junte-se a nós na construção de uma alternativa socialista e revolucionária.

Anote aí o número e vem de “Zap da Vera”:

(11) 99197-5733



Para acessar, basta digitar:
www.vera.pstu.org.br

